

## PÓS-HUMANISMO E TRANSCENDÊNCIAS EM TENSÃO: A DIMENSÃO SIMBÓLICA E A OPERATIVIDADE DA ANTROPOTÉCNICA.

*Newton Aquiles von Zuben \**

### **Resumo:**

O domínio das tecnociências tem aumentado de modo exponencial tanto em extensão como em complexidade, em particular, no campo da genômica e da engenharia genética. O ser humano viu crescer de modo inaudito o poder de intervenção não mais somente na natureza, mas no seu próprio ser. As tecnociências “nos dão a pensar” dadas sua ambivalência e ambiguidade crisogênicas. Essa comunicação se propõe examinar a questão da **transcendência** como ultrapassagem de si pelo homem. Dois tipos de transcendência se apresentam: a transcendência pela ordem do símbolo, da linguagem e da cultura; e a transcendência pela operatividade da técnica. Indaga-se qual o tipo de expansão de si - transcendência- é autenticamente humana? O pós-humanismo se manifesta estabelecendo um novo modo de pensar que coloca em desafio a premissa: é e deveria a natureza humana permanecer essencialmente inalterável?

O “pós-humano” leva a pensar numa nova antropologia. Creio pertinente analisar a diferença e a complementaridade entre a ordem do símbolo e a da técnica, vale dizer, de uma **antropologia** e de uma **antropo-técnica**. **A questão é:** como articular a dimensão simbólica do homem – **homo loquax**- e a sua dimensão operatória como **homo faber sui**, na sua pretensão demiúrgica. Nossa herança filosófica é **logo-teórica** e entende o homem como animal simbólico, falante; ele é naturalmente cultural. Como a operatividade tecnocientífica não pode, enquanto tal, ser simbolicamente assinalada, pois ambas as dimensões são reciprocamente irreduzíveis, adianta-se a hipótese de um *acompanhamento* das atividades tecno-científicas pelo símbolo, pela filosofia. No debate bioético cabe à filosofia argumentar em favor de uma reflexão crítica eventualmente normativa das investigações nessa área. A ambiguidade que caracteriza tais investigações da antropo-técnica sobre o humano, seja terapêuticos ou realizados pela “medicina de melhoramento”, indica a pertinência e a razoabilidade de um “acompanhamento simbólico regulador”. É razoável supor a eventual inter-fecundação entre antropo-logia e antropo-técnica visando um projeto racional operativo de uma “**antropo-tecno-logia**”.

**Palavras-chave:** Pós-humano, transcendência, antropologia, antropotécnica, melhoramento.

---

\* Doutor em Filosofia. Professor na Faculdade de Filosofia. PUC-Campinas. nzuben@puc-campinas.edu.br

## INTRODUÇÃO

A interrogação–tema do Simpósio se nos apresenta como o desafio da Esfinge “responde ou morrerás”. Dada sua ambivalência crisogênica, as biotecnologias nos conduzem a uma viagem incerta. Por ser crisogênica nos dá a pensar, segundo a notável expressão de Ricoeur. De um utensílio objetivado, a técnica e a ordem tecnocientífica se transformaram em um sistema técnico, como defendeu Jacques Ellul, atuando segundo suas próprias normas, alheias à ordem do símbolo, exercendo gradualmente seu domínio nos diversos aspectos da existência humana.

Qual o cenário? Incerteza diante do desconhecido; perplexidade entre riscos potenciais e escolhas diversas e caminhos inseguros. Defrontamo-nos com encruzilhadas essenciais e perdas ontológicas. Fala-se em pós-humanidade quando ainda não se atingiu a sabedoria sobre a humanidade do homem. Paira no ar a suspeita sobre as implicações dos saberes e de novas habilidades desejados. O que será do homem diante da operatividade crescente das tecnociências em vista das promessas e projetos futuros?

Imprevisíveis em seu devir, tentaculares e impetuosas em sua dinâmica, as novas biotecnologias fascinam e provocam pânico na razão e na imaginação, incitando-as a outros impulsos, mas também a outras contraturas. As possibilidades associadas subentendem um périplo no coração da condição humana: o homem deixando-se levar pela corrente tortuosa que ele próprio produz, o coração tomado por ciladas e o espírito seduzido por promessas. A figura do Golem que reaparece!

A genética e a biologia celular são as ciências fascinantes que povoam o universo da operatividade tecnocientífica. É razoável supor que, como fenômeno civilizacional, tais investigações são afetadas de um coeficiente de densa ambiguidade e ambivalência. De ambivalência von Weizäcker nos ofereceu uma definição: “Denominamos ambivalência a experiência que, no momento em que acabamos de atingir ou de realizar aquilo a que investigávamos, nos força a descobrir que não se trata do que buscávamos, mas talvez justamente o que representava um obstáculo. (von WEIZSÄCKER 1978, p. 80)

O novo poder de transformação oferecido pela engenharia genética provocou intensa inquietação, tanto entre os indivíduos comuns quanto entre os cientistas. Surgiu uma corrente de pensamento, transpondo diversos patamares nas ciências, nas humanidades, na cultura em geral. Na filosofia, em particular, percebe-se o abalo em sua estrutura conceitual com efeitos de ordem epistemológica, axiológica e ética diante do surgimento de um novo tipo de

transcendência antrópica, além daquela norteadada pela ordem do símbolo, da cultura e da linguagem. A técnica aparece como o “outro” da ordem simbólica.

A interrogação tema nos coloca diante de uma questão relevante, pois a transposição de modos de existência se realiza decididamente; de uma questão vital, pois o indivíduo é ameaçado pelo poder de sua plasticidade e maleabilidade e pela fragilidade de sua complexidade; de uma questão fundamental, uma vez que releva de diversos domínios de sustentação relacional e pertencas situacionais: ao outro, à identidade de si próprio, à sua intimidade, ao corpo, ao tempo e ao espaço. As tecnociências com suas intervenções com dinâmica operatória tomam a humanidade como sua condição necessária de possibilidade. Entendo humanidade como o conjunto de potencialidades e de possíveis especificamente humanos. Podem, no entanto, por sua ação ser ambivalente, desestruturar as representações sociais e desconstruir as normas simbólicas. E o sujeito humano, enclausurado em sua bolha de individualidade passa de uma divisão entre o permitido e o interdito, a uma ruptura entre o possível e o impossível. “A gama de horizontes abertos aumentou drasticamente a responsabilidade das escolhas apresentadas de suas consequências, horizontes precisamente tornados realizáveis pelo progresso tecnocientífico”. (FRIPPIAT 2011, p.33).

A atualidade de um pós-humano perpassa as três questões éticas fundamentais: “que posso fazer?” remetendo ao domínio das possibilidades, do futurível; “que posso fazer?” refletindo a dimensão deontológica de um indivíduo sempre aspirando ser livre de normas sociais e naturais. E, finalmente “que posso esperar?” indicando um anseio no progresso. Essas três questões de entrecruzam na quarta questão kantiana “o que é o homem?” Na verdade, tal questão tem constituído o arcabouço axial da nossa representação essencial do humano. “O determinismo daquilo que poderia um dia ser o destino da espécie, progressivamente cedeu o lugar a uma liberdade demiúrgica de auto-controle”. (FRIPPIAT 2011, p.33).

Deve-se, na verdade, atentar ao o embate existente entre uma antropologia filosófica, onto-teológica, e uma “antropotécnica”. A antropotécnica é a “[...] arte ou técnica de transformação extramedical do ser humano por meio da intervenção em sua fisiologia” (GOFFETTE, 2006, p. 69). A antropotécnica se revela como um novo tropismo no panorama civilizacional, nos últimos anos do século passado e nesta década atual. Tropismo (do termo grego *tropos*, no sentido de direção e, no sentido figurado, maneira de pensar e agir) pode significar uma força obscura que impele a uma determinada direção e a agir de certo modo.

Na realidade, a antropotécnica está provocando uma mudança de paradigma de pensamento, com efeitos na capacidade de decisão e de escolha por parte do ser humano. Como entender a relação entre os dois domínios, o da antropologia e o da antropotécnica?

### **1 – A questão da transcendência nas duas ordens: *homo loquax* e *homo faber sui***

Dois tipos de transcendência se apresentam: a transcendência pela ordem do símbolo, da linguagem e da cultura; e a transcendência pela operatividade da técnica. O pós-humanismo se manifesta estabelecendo um novo modo de pensar que coloca em desafio a premissa: é e deveria a natureza humana permanecer essencialmente inalterável? Indaga-se qual o tipo de expansão de si - transcendência- é autenticamente humana? Estaria sendo gestado um novo patamar para o ser humano? Estaria sendo pensada uma abertura total da questão do homem? Uma abertura simbólica e uma abertura técnica, operatória da questão do homem? Seriam duas transcendências que afetariam o ser humano (realizações ontológico-existenciais)? Até recentemente, postulava-se que a transcendência pela ordem do símbolo, pela linguagem, pela cultura, pela história era o único modo de autotransformação. Agora se impõe a questão: E a técnica? As biotecnologias a que vêm? Qual a *dynamis* que as anima?

Somos herdeiros de uma longa tradição cujo horizonte de significado é a ordem simbólica, a linguagem, bases e arcabouço da cultura tal como a conhecemos e que nos molda com humanos. A filosofia ocupa aí lugar eminente como atividade reflexiva racional. Ela, neste momento histórico, se “espanta” (*thaumas*) diante desses novos tropismos vinculados à genética, à engenharia genética. Como seu “outro” ainda indeterminável pelo conceito e, portanto, pela intenção axiológica do “logos” e, pois, inassimilável, o “artefato” produzido pela tecnociência genética, com o horizonte opaco de seus “possíveis futuríveis”, provoca, de pronto, certo ceticismo para logo em seguida ser objeto de suspeita e recusa baseada em supostos argumentos racionais e éticos.

O surgimento das tecnociências acrescenta elemento novo no quadro civilizacional. É um fenômeno que se revela como uma ordem distinta daquela que tem constituído a nossa civilização, que é a dimensão simbólica do homem, ou de sua natureza de “ser linguajante”, *homo loquax*, ser de linguagem, criador de cultura. Entra no cenário a dimensão técnico-operatória das tecnociências, herdeiras da ciência moderna. Pela sua própria dinâmica, o

sistema tecnocientífico se define como “a-lógico” “a-ético”, vale dizer, impermeável ao “sentido” e ao “valor”, ambos instituídos na ordem do símbolo.

### 1.1 - A dimensão logo-teórica, a ordem do símbolo ..

A ciência clássica, entendida como a própria filosofia, é *logo-teórica*. Teórica (do verbo grego *theorein*), pois sua intenção era contemplar o real. E o *logo* (*logos* – discurso, razão), a linguagem, com o intuito de descrever o mesmo real, falar do ser. É, então, um saber teórico e discursivo. O homem é o ser da linguagem – *zoon logon echon*, disse Aristóteles, um ser que fala; hoje se entende como um animal simbólico. Assim, o homem se relaciona com a realidade *simbolicamente*. O que isso significa? Que o homem, animal do símbolo, deixa o mundo tal como é; não altera as coisas; o símbolo não rompe as paisagens, nem destrói as florestas, ele dá sentido às coisas, as organiza, indica-lhes os fins.

A linguagem é a maneira de o homem habitar seu mundo. O homem está para o mundo, para si mesmo e para os outros pela linguagem, instaurando assim um horizonte de sentidos. Ele constrói seu ambiente natural pelo símbolo. Isso significa que ele modela simbolicamente o espaço e o tempo e os transforma desse modo, em um mundo e em uma história. (cfr. HOTTOIS 2006). O caráter teórico deve ser concebido como o privilégio absoluto do olhar, da visão. E o discursivo, como determinante para o homem como ser-no-mundo-pela linguagem. Essa é a base sobre a qual se construirá a cultura. O natural para o homem será a cultura. Em outros termos, o homem será “naturalmente” cultural. A ciência logo-teórica fala a linguagem natural, ela opera uma ordenação conceptual das significações atribuídas pela linguagem, com a finalidade de construir um conjunto organizado logicamente, apoiado em definições (que expressam a essência dos seres) e princípios, prosseguindo dedutivamente. É uma ciência especulativa (*speculum* = espelho) que reflete a realidade, a totalidade, a *physis*, a natureza. Essa linguagem, esse *logos*, oferece a imagem de um mundo com sentido. A teoria grega é essencialmente "onto-lógica". Somos convidados a refletir sobre a realidade e sobre a linguagem. E o estudo do homem uma antropologia no horizonte de uma ontológica.

Em nossa cultura, a linguagem (*logos*) recebeu uma sobrevalorização aliada fortemente a um sobreinvestimento da visão, do olhar (*theorein*). Tomando a forma de uma logo-teoria, a Filosofia ocidental colocou no cume da existência humana o usufruto desse discurso, da

racionalidade, desse “texto” que revelaria a Verdade, a Realidade, o Bem, a Totalidade. Deve-se, de fato, reconhecer que a linguagem tem desenvolvido um papel importante na forma de vida humana. Esse sobreinvestimento da linguagem pela humanidade foi, no decorrer da evolução e da história, uma ficção extremamente fecunda, sem a qual, talvez, a espécie humana não teria sobrevivido. “Cada um sabe que este valor fortemente eminente da linguagem é atestado nos textos fundadores da civilização ocidental que falam do Verbo, e do Logos, e fazem da linguagem, indissociável do pensamento, um dom divino e a essência do homem” (HOTTOIS, 2009, p. 162).

Todavia, é razoável se reconhecer que, por outro lado, hoje a linguagem não esgota nem o passado, nem o presente, nem, sobretudo, o futuro dessa espécie – HOMO. Toda a construção cultural humana, até o momento, esteve vinculada à ordem simbólica. O sujeito humano não existe como tal, senão na medida em que a linguagem o vem instituir. Esse discurso instituinte é, antes de tudo, o discurso normativo-jurídico que impõe regras, limites e interditos. As regras separam, circunscrevem, identificam, estruturam. Sem elas, o sujeito não pode advir, isto é, desvincular-se do “sem-limite” original. A instituição normativa é imposta pela ordem simbólica; se esta falhar, o sujeito falhará, e a sociedade cai na anarquia.

Essa instituição é postulada pela humanidade do homem, pelo modo de realizar sua humanidade. Dentre as instituições, as regras de “genealogia” são essenciais. Elas situam o sujeito na diacronia das gerações e na sincronia da comunidade. “Expressivo do pensamento”, afirma Hottois, “[...] a linguagem encarna a *diferença antropológica*, aquilo que distingue essencialmente o homem dentre os seres vivos, o vincula a uma sobrenatureza e constitui o lugar e o instrumento de sua transcendência”. (HOTTOIS, 2009, p. 169).

Enfim, é assim que somos como seres falantes, “simbolizantes” e racionais. Na verdade, somos formatados para assim desenvolver as atividades mentais. É essa a ontologia que nos sustenta no ser e fundamenta a realização humana na história no mundo. Entendemos que o humano é assim. Mas nós não nos damos conta de que se trata de *uma teoria*. A *ontologia* é um discurso sobre o ser e foi gestada e inventada por homens concretos, em lugar e em um tempo histórico determinados. É essa a herança que recebemos. O conjunto da humanidade ainda a entende como plausível e, dessa forma, continua valendo até hoje. Ela nos conforma, e nos faz humanos. A linguagem tem sido apresentada como o utensílio salvador do homem. Ressalta Hottois:

Notemos que a transcendência simbólica utiliza a linguagem como instrumento e que é verdade que o desenvolvimento da capacidade simbólica tem sido, com efeito, o caminho pelo qual os humanos afirmaram sua superioridade sobre os animais e seu domínio sobre a natureza. Mas tal superioridade do *zoon logon echon* foi imaginariamente representada como uma eleição divina e participação em um mundo sobrenatural, quando na realidade ela não era senão o efeito de potencialidades de organização social e de invenção instrumental oferecida pela linguagem em suas funções de comunicação e de representação. (HOTTOIS, 1999, p. 28).

## 1.2 - A ordem da operatividade das tecnociências

A operatividade concerne à relação física com o mundo real. A relação teórica discursiva é substituída por uma relação de manipulação, de transformação da realidade. Outrora submissa à ordem do símbolo, da simbolização, a dimensão tecnocientífica não é mais assinalável pela ordem do símbolo, vale dizer, não é afetada pela ordem do símbolo. Ela se impõe com sua dinâmica própria, estabelecendo-se como o “outro” do símbolo. As tecnociências inauguram um tipo de relação que não se assemelha à relação simbólica; ela não se refere à relação do sentido e da intersubjetividade, por não ser expressiva de interioridade. As tecnociências, herdeiras da ciência moderna, instituem novo cenário e exigem uma avaliação crítica sobre o significado do próprio destino do *homo sapiens* como espécie.

A técnica não pertence à ordem do símbolo, não recebe atributo algum. Qualquer ensaio ou tentativa de inscrição da técnica na ordem do símbolo é antropologista e antropocêntrica, isto é, sua avaliação e estatuto são compreendidos a partir e em função de uma antropologia, de um discurso teórico sobre a natureza e os fins da humanidade. “A virulência “an-antropológica” da técnica – que se reflete imediatamente em seu princípio anti-teórico e an-ético – se reimpõe apesar de todas as negações e de todas as ignorâncias antropologistas.” (HOTTOIS, 1984, p.168). E hoje somos levados a admitir que a unicamente a linguagem e unicamente o simbólico são aptos a “dar conta” da humanidade, a “dar razão” do especificamente humano passível de transcendência, de realização de si. Esse antropologismo está vinculado a uma avaliação “instrumentalista” da técnica.

Argumentar em favor da diferença entre as duas dimensões, a simbólica e a tecnocientífica, não significa negar possível articulação entre ambas. Devemos considerar que

a humanidade sempre foi politécnica e polissimbólica; pode-se pensar, ao invés, em articulações múltiplas “tecno-simbólicas”. Hottois argumenta que “[...] a sobrevalorização da linguagem pela antropologia filosófica faz-se acompanhar pela menor valorização – por vezes por desprezo- da técnica e do trabalho materiais” (HOTTOIS, 2009, p. 163). Em sua análise, Hottois afirma que as técnicas materiais não promovem a organização da sociedade humana, nem a educação e a aculturação de crianças que entram na sociedade. Ainda prevalece a muito antiga ideia antropológica, a saber, que é exclusivamente por meio da linguagem, pelo *logos* (a cultura) que o humano constitui sua humanidade, transcende sua animalidade. Hottois denomina resistência antropológica a ideia segundo a qual somente pela linguagem **todo o homem** se escolhe no ganho ou na perda. Conforme o postulado antropológico, as técnicas materiais operam no meio externo ao homem, no mundo físico.

Essa relação de intervenção o constitui como *homo faber*. Em relação a si mesmo, ele é *homo loquax*, o falante (cf. HOTTOIS, 2009, p. 164). Recentemente, ele se descobre *homo faber sui*, o fabricante de si próprio. A antropotécnica pertence à ordem da operatividade da técnica, irreconciliável com o símbolo; em si, é alheia à ética. Ela responde ao imperativo tecnocientífico: “tudo que pode ser feito, faça-se”. Ela abrange um campo de atuação bem vasto, no âmbito das biotecnologias, com temas como: o domínio da procriação com a engenharia genética; a manipulação das emoções e do comportamento – neurofarmacologia; o prolongamento da vida, a eutanásia, a distanásia; as modificações estético-corporais; a dopagem esportiva para aumento do desempenho; os fortificantes do intelecto e bem-estar mental; a medicina estética, e os procedimentos de “melhoramento” extramedical. Em traços grossos, enquanto a finalidade da medicina é orientada para o conhecimento, a prevenção e a terapia, sua dinâmica vai do patológico ao normal; na antropotécnica, a dinâmica vai, por sua vez, do normal ao “melhorado”. Penso razoável afirmar-se que o núcleo do humano não é somente essência, muito menos uma substância, mas o resultado de um trabalho.

Isso implica a ideia de uma capacidade que o ser humano descobriu como sendo sua, de poder transcender a si próprio, tanto do reino da natureza quanto do reino puramente animal, por meio de um poder de modificação de sua própria fisiologia. Não só o homem poderia suplantear o animal irracional, mas a si próprio. O imaginário que está sendo modelado pelas tecnociências biotecnológicas por ideais que podem indicar uma direção cada vez mais estranha à causa da “humanidade”.



A humanidade poderá, na pré-visão de muitos, dirigir-se a um estágio posterior. Fala-se já com desenvoltura em pós-humanidade. Exprime-se já a exigência de se fazer um arranjo ou adaptação em nossa vida cotidiana, de maneira a se tornar compatível com aquele de seres “não humanos” que nos circundariam. Postula-se já que a ética exceda o espaço humano e diga respeito a uma convivência humana alargada. Reclamando dos progressos biotecnológicos ou cibernéticos, certas utopias sugerem a possibilidade de “hibridar” o humano, animal e máquina, de modelar uma inteligência não biológica, de ultrapassar sistematicamente os limites que nos impõe a natureza. Cientistas desse campo se prestam a esses cenários futuros e fornecem argumentações científicas. Difunde-se, junto ao grande público, sob a ideologia do progresso, a ideia de um futuro no qual o homem poderá extirpar suas fraquezas e encontrar-se “remodelado” ou “melhorado” em sua constituição genética. Pode-se ceder à vertigem da emergência de um estado humano radicalmente diverso e, como consequência, defrontar-se com a diluição das identidades, a dispersão de balizas intelectuais e morais, com o consentimento progressivo de uma condição “inumana” ou “ab-humana”; humanos frente ao desespero de estar cansados de ser aquilo que são.

Poderia um estado pós-humano significar a extensão de nossos valores às realidades criadas por essas biotecnologias –a antropotécnica– em vez de anunciar nosso autoaniquilamento ou nossa deserção do estado simplesmente humano? Goya, em uma pintura famosa, deixa uma frase enigmática: “o sonho da razão produz monstros”. A perspectiva de um “fim da humanidade” (Fukuyama) nos deixa estarecidos? Por que razão? Não há no humano esse desejo de transcendência de si? A esperança difundida na sociedade atual não outorga às tecnociências o poder de emancipar-nos das servidões ligadas à condição humana? No desejo moderno de ser, nada mais importante que o privilégio dado à autonomia em relação aos outros, à natureza, à tradição, aos deuses. Ironia da modernidade, aquilo que foi tido como o meio da autonomia dos homens se revela atualmente como um poder autônomo – “o sonho da razão produziu monstros”? – a cujas regras os indivíduos e as sociedades devem acomodar-se para o “bem viver”. Entretanto, a tendência que se desenha de fazer do desejo uma necessidade e de engajar-se cegamente na aventura biotecnológica espanta e nos faz pensar.

Os procedimentos da antropotécnica representam, na realidade, uma transformação do indivíduo pela intervenção em sua biologia. O humano será modificado. Note-se que, estendendo-se entre o normal e o modificado, a relação antropotécnica apresenta traços relevantes: trata-se de uma modificação de estado; de uma mudança de estado que é artificial, vale dizer, própria da

intervenção técnica humana e, finalmente – e, sobretudo –, a intervenção antropotécnica, diferentemente da medicina, não se impõe como uma necessidade vital – a luta contra a doença – mas é efeito de um desejo ou necessidade existencial do indivíduo (cf. GOFFETTE, 2006, p.125).

E Goffette pondera:

Assim, se a medicina é contra a alienação, a antropotécnica é a favor da alteração... De um lado, a vulnerabilidade vital em tudo o que apresenta de ameaçador para a consciência humana ao lhe indicar seu próprio fim possível; de outro lado, os caminhos fantasistas dessa consciência, em seu desejo de conforto, de ordenamento da existência ou de transcendência criadora. De um lado a vertigem do mal radical e da morte, do outro o sonho de um bem eventual (GOFFETTE, 2006, p. 126).

### 1.3. Tensão e perspectivas

Estamos na ordem do símbolo, da linguagem. Nosso ambiente ainda é o “mundo” e a historicidade é nosso existencial [o homem é um “ser-no-mundo” e é “Dasein” nos ensinaram Merleau-Ponty e Heidegger respectivamente]. Nossas convicções teóricas ainda manifestam apego a uma “antropologia”, mas, por outro lado, a “antropotécnica” nos assedia irremediavelmente. A filosofia no seio do paradigma bioético reconhece como sua a tarefa da busca de sentido, a justificação racional e a escolha de valores por meio do debate plural e democrático visando apontar balizas plausíveis para o agir humano.

A questão axial posta no âmago da ordem simbólica da antropologia onto-teológica, a quarta questão de Kant “o que é o homem?” deverá, doravante, receber outro tratamento. Não é mais plausível que ela seja um assunto meramente simbólico, uma interrogação transcendental, hermenêutica. É mais pertinente abordar seu encaminhamento também como uma criação, uma descoberta técnica e operatória. A questão em sua nova versão assim se apresenta: “o que vamos fazer do homem?” É imperativo buscar uma articulação possível entre a antropologia e a antropotécnica, sem que nenhum dos polos seja eclipsado. Hottois argumenta: “Deve-se sair da relação conflitante de oposição, de exclusão ou de ignorância mútua que caracteriza a dupla antropologia-antropotécnica”. (HOTTOIS, 2009 p. 178).

É pertinente tomar-se o caminho de uma articulação positiva, movida pela prudência e pela tolerância. Como a questão do sentido e do valor diz respeito à reflexão filosófica, manifestação privilegiada da ordem do símbolo, da linguagem, cabe a ela a análise crítica da problemática das relações entre a antropo-logia e a antropo-técnica.

Podemos considerar que a transcendência simbólica ditada pela antropologia onto-teológica tem se servido da linguagem e, de fato, o desenvolvimento da capacidade simbólica é o caminho que o *homo loquax* escolheu para selar sua superioridade sobre todos os outros seres e sobre a natureza. Essa superioridade do homo loquax foi representada de modo imaginário como uma eleição ou dom divino. No entanto, é razoável supor-se, por outro lado, que tal superioridade seja efeito da potencialidade de organização social sustentada por invenções instrumentais oferecidas à linguagem. (cfr. HOTTOIS, 1999 p.28). Esse autor afirma

No entanto, a transcendência operatória do homem, sua capacidade múltipla e ilimitada de transformar-se, de reconstruir-se, de inventar-se biofisicamente [...] só começou a afirmar-se recentemente, defrontando-se às antigas transcendências simbólicas que se tornaram conservadoras do homem natural-cultural. (HOTTOIS, 1999 P.28)

Só recentemente, o ser humano tomou consciência de seu poder de transpor os limites naturais e culturais por outro meio que não a linguagem, vale dizer, aquele apresentado pelas tecnociências. Essa reivindicação constitui o programa transhumanista cujo postulado axial é a necessidade de a humanidade transpor seus limites biológicos e cognitivos. Hottois critica o formalismo no qual a antropologia filosófico-teológica refugiou-se no século XX, e propõe que a antropologia se articule de modo positivo com as tecnociências e, de modo particular com a antropotécnica e os “possíveis” que ela está capacitada de fornecer no campo da engenharia genética, das neurociências para as transcendências do ser humano. E sua proposta, a partir da posição da filosofia é que se promova um “acompanhamento simbólico regulador” das eventuais transgressões técnicas dos limites.

Segundo Hottois, a articulação positiva entre a antropologia e a antropotécnica é um empreendimento de filosofia “antropo-tecno-lógico” provocará, eventualmente, um questionamento, por vezes radical, dos pressupostos de muitos discursos religiosos e filosóficos. Sendo a sociedade contemporânea assinalada pela pluralidade ideológica e pelo multiculturalismo, impõe a busca de caminhos e balizas para encaminhar possíveis soluções para essa questão cuja dinâmica exerce impacto sério no âmbito da ética. Essa problemática se revela no horizonte contemporâneo da “crise de fundamento”. O filósofo Hottois observa: “A liberdade tecnocientífica radical - o imperativo a-ético da técnica – dele procede diretamente. Em uma sociedade pluralista que não reconhece mais fundamentos

transcendentes comuns, a única maneira de introduzir ainda regulamentações parece ser o estabelecimento de consensos.” (HOTTOIS, 1996 p. 130).

A proliferação de comitês de ética e de bioética mostra claramente que o interesse da sociedade está em jogo. Essa questão foi tratada mais amplamente em minha obra *Bioética e Tecnociências*.

Para finalizar podemos verificar, a título de exemplo da ação antropotécnica, a relevância que está tomando em nossa sociedade hoje a questão do “melhoramento” (*enhancement*), o uso da antropotécnica para responder o desejo humano de transpor limites corporais (estética) e desempenhos cognitivos aperfeiçoados. Na sociedade contemporânea, democrática liberal e individualista, predomina o culto exacerbado da competitividade e do desempenho. Os humanos entendem a si próprios como seres perfectíveis. No século das Luzes essa perfectibilidade se inscrevia no seio de um projeto político cujo objetivo era libertar os homens da heteronomia do mundo religioso precedente. Hoje a perfectibilidade como “melhoramento” “biologizou-se”, embalada por um anseio individualista numa sociedade de exacerbada competitividade. “O homem, durante milênios permaneceu aquilo que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de uma existência política; o homem moderno é um animal em cuja política sua vida de ser vivo está em questão”. (FOUCAULT, 1975, p.191).

Os avanços das tecnociências contemporâneas tornam plausíveis as ideias de uma plasticidade ampla do homem cujos limites são unicamente aqueles impostos pela física e pela biologia. Da engenharia genética às nanotecnologias as tecnologias carregam em seu projeto uma mesma promessa, a saber, a de emancipar o homem de todo determinismo natural. E o pós-humano seria o termo escolhido para designar esse ser mais que humano revisto, arrumado, concertado, composto pela antropotécnica. Os filósofos do século das Luzes expressavam essa ideia segundo a qual o ser humano não se definia por alguma essência fixa. O trans-humanismo seria um humanismo das Luzes mais as tecnologias.

A sociedade humana sempre foi “poli-técnica” e “poli-simbólica”. Hoje, no cenário de uma relação dialética entre ambas as ordens e dadas as múltiplas combinações possíveis, é plausível entendê-la como “tecno-simbólica”. Como nossa herança cultural logo-teórica não vem precedida de nenhum testamento cabe a cada qual *operar* sua criatividade e situá-la na estreita aresta entres as transcendências “antropo-tecno-lógicas” que possa discernir. “Quando Pandora abriu a caixa que lhe deu Epimeteu, todos os males se espalharam pelo

mundo para desgraça dos humanos. No entanto, no fundo da caixa estava escrito o nome “esperança”. (ZUBEN 2006, P.88)

## REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich, Gegengifte: die organisierte Unverantwortlichkeit. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1988.

FOUCAULT, Michel, Histoire de la sexualité vol. 1-La volonté de savoir. Paris:Gallimard, 1976.

FRIPPIAT Laurent, Chapitre 2. L'amélioration technique de l'être humain : introduction aux différents courants du débat , Journal International de Bioéthique 2011/3 vol. 22. p.33-50

GOFFETTE Gerôme, Naissance de l'anthropotechnie. De la médecine au modelage de l'humain. Paris :Vrin, 2006.

GOFFI, Jean-Yves, Chapitre 1. Nature humaine et amélioration de l'être humain à la lumière du programme transhumaniste. Journal International de Bioéthique. 2011/3 vol.22, p. 18-32.

HOTTOIS,Gilbert, Essais de philosophie bioéthique et biopolitique. Paris : Vrin 1999.

HOTTOIS,Gilbert, Dignité e diversité des hommes. Paris : Vrin 2009.

HOTTOIS,Gilbert, Entre symboles & Technosciences. Un itinéraire philosophique. Syssel :Champ Vallon, 1996

HOTTOIS,Gilbert Le signe et la technique. La philosophie à la preuve de la technique. Paris Aubier, 1984.

LUHMANN Nicolas, Soziale System. Frankfurt am Main , 1984

WEIZSÄCKER Carl Frierich von, Der Garten des Menschlichen. Beiträge zur geschichtlichen Anthropologie München : Carl Hauser : 1978.

ZUBEN NewtonAquiles von , Bioética e Tecnociências. A saga de Prometeu e a esperança paradoxal. Bauru :USC , 2006.